

Ernesto Bozzano

## CORRESPONDÊNCIAS CRUZADAS

Aqui chego depois de haver analisado, ilustrado e comentado nove categorias das onze que previamente enumerei com o fim de responder à afirmação de Sudre relativamente às «categorias de fenômenos em que os espíritas se entrincheiraram e que declaram inexplicáveis pelas teorias metapsíquicas». E parece-me haver, com o auxílio dos fatos, conseguido demonstrar que os espíritas estão com a razão, quando declaram que as categorias especificadas contêm manifestações de todo inexplicáveis por qualquer hipótese natural, sem que para isto tenham de se «entrincheirar» por detrás delas, visto todas as manifestações metapsíquicas, da mais ínfima à mais elevada, poderem ser, como de fato são, ora anímicas, ora espíritas.

Mas não é momento de focalizar o erro dessa afirmativa de Sudre.

Voltando ao assunto, devo passar a tratar das duas categorias restantes que, afinal, se acham reduzidas a uma, visto a décima primeira, concernente à existência na subconsciência humana de faculdades supranormais de sentidos independentes da lei de evolução biológica, já ter sido amplamente discutida no princípio deste trabalho.

Resta-me, pois, tratar da décima categoria, em que se acham classificadas certas modalidades especiais de «correspondências cruzadas».

Sudre consagra duas páginas a essas experiências, explicando claramente as modalidades pelas quais elas se dão e o faz nos termos seguintes:

*Chegamos a uma série de provas de que os espíritas ingleses fazem grande alarde pelas considerar como especialmente combinadas pelos seus colegas de além-túmulo com o fim de convencerem os incrédulos.*

*Eles as denominam cross-correspondences, isto é, correspondências cruzadas, mas o termo que melhor lhes caberia, como propôs Flournoy, é o de mensagens complementares. São comunicações obtidas pela escrita automática de médiuns diferentes. Cada uma delas se apresenta cheia de lacunas, quase sempre ininteligíveis quando isoladamente*

*apreciadas, mas, quando conjugadas, o sentido aparece de modo perfeito, pois de modo admirável se completam como as peças reunidas de um jogo de paciência. Os médiuns não têm, é claro, qualquer comunicação entre si, muitas vezes habitam cidades diferentes e nem se conhecem. De resto, as mensagens quase sempre são entregues ao mesmo tempo.*

*"O fim desses esforços engenhosos e complicados, diz Oliver Lodge, é evidentemente o de provar que esses fenômenos são obra de inteligências bem definidas, distintas da de qualquer um dos autômatos. A transmissão por fragmentos de uma mensagem ou de um trecho literário ininteligíveis para cada um dos escreventes, tomada insuladamente, exclui a possibilidade de uma comunicação telepática entre estes."*

*Era opinião de Myers que os desencarnados cada vez mais se esforçam de aperfeiçoar as provas de sobrevivência. Também quando ele morreu, em Janeiro de 1901, as provas foram esperadas com real impaciência .*

*Acharam-nas sob a forma de mensagens complementares emitidas por notáveis médiuns automáticos ingleses, tais como as Sras. Thompson, Forbes, Holland e Verrall.*

*Casos de mensagens complementares enchem os relatórios da S.P.R. inglesa. Chegam a pôr em ação a atividade de sete médiuns entre os quais a Sra. Piper. Complicam também a natureza das comunicações, tiradas da literatura antiga, pela sutileza das alusões e pelo embaralhamento. Só um longo estudo permite reconstituir esse jogo de paciência literário e perceber a intenção que presidiu à sua reunião. . .*

Depois de assim haver explicado rapidamente, mas de modo claro, em que consiste o fenômeno das «correspondências cruzadas», Sudre nos relata, em um pequeno resumo, dois casos dentre os mais simples, mas importantes e eloquentes para a interpretação espírita dos fatos. Somente, quando os leitores, favoravelmente impressionados no sentido espiritualista pelos casos citados, esperam a explicação natural, esta não aparece, pois Sudre passa a outros assuntos sem tentar a difícil tarefa.

Aliás, esta sua maneira de proceder não mais constitui novidade e somos mesmo levados a crer que a imparcialidade da exposição por ele feita, como manda a justiça reconhecer, não obedeceu a intuito outro senão o de prudentemente fugir à interpretação natural desses fatos, que encontra irreduzíveis.

Um dos casos citados por Sudre refere-se ao filho falecido da Sra. Forbes, uma das médiuns que tomaram parte na experiência. Vou também relatá-lo, mais desenvolvidamente mesmo, por ser realmente interessante e poder prestar-se a consideração de real valor. Veio ele a lume no volume XX, págs. 222-224 dos «Proceedings of the S.P.R.» e em resumo é constituído pelo fato de a Sra. Verrall, ignorando por completo circunstâncias que se prendiam ao filho falecido de uma das suas amigas ausentes, haver recebido uma comunicação referente a essas circunstâncias na mesma ocasião em que essa mesma amiga, também dotada de medianimidade psicográfica, recebia uma mensagem proveniente da mesma origem, anunciando o que a Sra. Verrall ia receber. Eis como o incidente se desenrolou :

A 28 de Agosto, a Sra. Forbes (amiga da Sra. Verrall) havia escrito automaticamente uma mensagem na qual seu filho, Talbot Forbes, oficial do Exército inglês, morto no Transvaal, a informava das intenções que tinha de procurar outro médium psicógrafo-automático com o fim de oferecer prova» que viessem confirmar as mensagens que **por** seu intermédio havia ditado. Acrescentou que naquele momento ia tentar, de combinação com Edmond Gurney, o controle do médium que para tal tinha em mente.

Na mesma data a Sra. Verrall automaticamente escrevia as frases seguintes, para ela destituídas de qualquer sentido:

*«Presta atenção aos sinais com que faço a minha assinatura. Os pinheiros plantados no jardim crescem cheios de vigor.»*

Estas frases foram assinadas por uma rubrica em forma de cinco pontas irregulares sob a qual desenharam uma espada, uma buzina de caça suspensa a um prego e uma tesoura aberta.

Passou-se algum tempo antes que os médiuns percebessem as analogias de coincidência e de concordância existentes entre as mensagens que nessa data, 28 de Agosto, haviam recebido e que a princípio encararam como não concludentes.

Pouco depois, notaram que no jardim da Sra. Forbes existiam quatro ou cinco pinheirinhos, provenientes de sementes enviadas a essa senhora pelo filho pouco antes de sua morte e que ela por hábito designava pelo nome de «árvores de Talbot». Lembraram-se também de que o Regimento a que havia pertencido o rapaz tinha por insígnias uma buzina de caça, suspensa a um prego, encimado por uma coroa.

A Sra. Verrall comenta assim o fato:

*É certo haver um dia a Sra. Forbes escrito automaticamente uma mensagem na qual o filho lhe anunciava ter encontrado um médium de psicografia automática com o qual ele ia tentar pôr-se em contacto. Nesse mesmo dia frases por mim recebidas automaticamente faziam alusão a pequenos pinheiros plantados em um jardim, o que se revestia de particular interesse para a Sra. Forbes, justificando ao mesmo tempo o que ela mesma havia escrito. Além disto, a assinatura do trecho por mim escrito, composta de sinais para os quais haviam chamado a minha atenção, representava em parte a divisa do Regimento a que havia pertencido Talbot Forbes e a espada simbólica; quanto a saber se essa correspondência era ou não accidental, observarei apenas que nunca em circunstâncias outras a buzina de caça apareceu na minha escrita mediânica, nem tão-pouco qualquer alusão a pinheiros.*

A Sra. Verrall não conseguiu explicar a razão de ser do terceiro desenho representando uma tesoura aberta. Quer parecer-me, entretanto, que se tivermos em conta o carácter simbólico da mensagem essa explicação aparece sem grande dificuldade. Para representar o Regimento a que havia pertencido, traçou o comunicante a divisa heráldica do mesmo, representada pela buzina de caça; para designar a profissão que exercia em vida, recorreu à espada, distintivo habitual do soldado; a tesoura aberta, instrumento fatídico das Parcas, símbolo mitológico de vida cortada antes da hora, não se podia referir senão ao corte violento do fio da vida, em plena mocidade.

Passemos agora a examinar o que no seu conjunto significam os incidentes que acabo de expor. Notamos primeiramente que o filho morto da Sra. Forbes, guiado pelos Espíritos de dois eminentes psiquistas, Gurney e Myers, comunica a sua mãe haver descoberto outro médium por cujo intermédio se manifestará, a fim de fornecer da sua presença espiritual prova de todo isenta da eterna objeção da telepatia e executa a promessa no mesmo dia em que a faz.

Por outro lado verificamos que os detalhes expostos pelo defunto à médium por ele escolhido compreendem incidentes inteiramente desta ignorados, ou, para melhor dizer, o morto, a fim de evitar qualquer sombra de dúvida a respeito da intervenção telepática, não se dá a conhecer à Sra. Verrall, assinando a comunicação de um modo simbólico.

Não há negar a importância teórica deste último detalhe que, por si só, basta para eliminar qualquer dúvida sobre a possibilidade de uma ação telepática entre a subconsciência da Sra. Forbes e da Sra. Verrall. Pela telepatia dever-se-ia ter obtido o nome de Talbot Forbes, nunca, porém, os

três desenhos simbólicos de significação precisa, mas indecifrável por parte de quem os recebia. Esta circunstância, em cabal harmonia com os fins a que se propunha o Espírito comunicante, que visava complicar propositadamente a transmissão da mensagem, demonstra claramente estar ali presente, no ato da comunicação, uma individualidade pensante e independente, que agia de própria iniciativa com a deliberação de obter resultados positivos, ignorados da médium e de importância máxima sob o ponto de vista da investigação científica das manifestações metapsíquicas; era este justamente o resultado que o Espírito pretendia atingir e que, de fato, conseguiu de modo incontestável.

Passo ao segundo episódio que se inscreve ao lado dos mais importantes no gênero. E' conhecido pela designação de «Orelha de Dionísio».

Relata-o Lord Balfour no XXIX volume dos «Proceedings of the S.P.R.» onde ocupa cerca de cinquenta páginas. Resumirei primeiramente a narrativa, reservando-me para estender-me mais amplamente nas modalidades de realização que mais contribuem para aumentar-lhe o valor teórico.

No correr de uma sessão realizada em 10 de Janeiro de 1910, a médium Sra. Willett (distinta senhora fazendo parte da S.P.R.), em condições de transe, disse: «O lóbulo da orelha de Dionysius», pronunciando com sotaque italiano o nome Dionysius. Essa frase, que ficou então incompreendida, indica provavelmente que desde 1910 o saudoso Frederico Myers, de acordo com Gurney, planejava uma experiência que se prendesse aos estudos clássicos, experiência que as circunstâncias não permitiram se realizasse no momento.

Mas em 10 de Janeiro de 1914, a Sra. Willett, por meio da escrita automática, voltou ao assunto; desta vez o Espírito comunicante era o de outro homem que muito se havia feito apreciar pela sua erudição clássica, o professor Verrall, falecido em 1912. Referindo-se à sua mulher, também professora de línguas clássicas, e ausente na ocasião, ele pediu que lhe perguntassem se ela se recordava do dia em que ele lhe censurara a ignorância sobre um tema clássico que ela deveria conhecer. Ora, o fato se prendia precisamente à frase «O lóbulo da orelha de Dionísio» recebido quatro anos antes pela Sra. Willett, cujas mensagens medianímicas eram transmitidas à Sra. Verrall para que lhe analisasse as citações clássicas e que, não sabendo o que significava aquela frase, recorrera ao marido, que lho explicara não sem lhe exprobrar a ignorância de um episódio de erudição clássica que lhe não devia ser estranho.

Em 28 de Fevereiro de 1914, a Sra. Willett escreveu automaticamente outra mensagem do falecido Prof. Verrall em que anunciava ia tentar uma experiência constituída por «uma associação de idéias referentes à literatura», experiência cuja tese já havia sido dada em certa frase pronunciada pela médium em transe e que o comunicante se propunha completar, fornecendo os elementos necessários. «A experiência, acrescentou ele, me parece boa e merece tentada.» Preveniu, todavia, que aqueles elementos iriam provavelmente aparecendo através de longo período, durante o qual sua mulher, a Sra. Verrall, nada deveria saber do que a respeito fosse ocorrendo; se algum dos experimentadores chegasse a qualquer conclusão pessoal, durante o desenrolar dos acontecimentos, deveria sobre a mesma guardar toda a reserva.

Essas medidas de prevenção e de meticulosidade mostram o escrúpulo com que a personalidade comunicante se dispunha a fornecer aos vivos uma prova indireta, mas decisiva, da sobrevivência espiritual, prova que deveria ser de natureza assaz completa para poder triunfar da eterna objeção da telepatia entre os vivos.

Ficou provado que o Prof. S. H. Butcher se havia unido ao Dr. Verrall para levar a bom termo a importante experiência, verdadeira «adivinhação clássica», em que a escolha do tema deveria revestir-se dos traços característicos e peculiares à profunda erudição dos mortos comunicantes.

Desde então os diversos temas que se prendiam começaram a ser transmitidos em sessões diferentes, sob a forma de frases soltas mergulhadas em períodos de estilo obscuro e indecifráveis para pessoas estranhas a esse gênero de erudição. Ano e meio foi preciso para obtê-las todas. Eis os temas essenciais extraídos das mensagens voluntariamente enigmáticos que constituíram o problema a ser resolvido:

*A orelha de Dionísio.*

*A caverna de Siracusa, a que eram recolhidos os prisioneiros de guerra e de Estado.*

*A história de Polífemo e de Ulisses.*

*A história de Acis e Galateia.*

*Ciúme.*

*Música e o som de instrumentos de música.*

*Alguma coisa a ser procurada na "Poética" de Aristóteles.*

*Sátira.*

Era mister procurar uma personagem secundária e esquecida da literatura clássica grega, personagem que não era citada na história literária e que deveria reunir em sua pessoa os temas acima enumerados, determinando-lhes a unidade necessária .

Durante o período da experiência, os agentes espirituais haviam administrado, por doses de algumas páginas de cada vez, as mensagens indecifráveis. Nelas se podem ler nesse sentido avisos como o seguinte: «Gurney diz que por enquanto há bastante material fornecido à médium; mais tarde proporcionaremos mais, ficando entretanto desde já entendido que, enquanto não dermos a coisa por acabada, nada deverá ser comunicado a nenhum outro médium automático.»

Ora, longos meses se passavam entre uma transmissão e outra, como que para dar tempo a que as mensagens fossem convenientemente estudadas.

Conseguiu afinal o grupo de peritos descobrir a personagem obscura que, por assim dizer, constituía a chave do enigma. Lord Balfour assim se externa a respeito:

*Aqueles que se não especializaram na literatura clássica não devem corar quando confessam ignorar o nome de Filóxenes. Ele havia, entretanto, sido um poeta bastante apreciado na sua época, embora algumas linhas apenas de suas obras tenham conseguido atravessar os séculos.*

*Era um poeta ditirâmico. O ditirambo era uma variedade de poesia de forma irregular, quase sempre em concordância com a música, sendo geralmente a cítara o instrumento escolhido para o acompanhamento.*

*Filóxenes era natural da ilha de Cítera; na fase mais acentuada de sua reputação viveu algum tempo na Sicília, na corte de Dionísio (Denys), tirano de Siracusa. Caindo um dia no desagrado do tirano, foi encerrado na caverna prisão.*

(A propósito dessa caverna de Siracusa, que servia de prisão como outras em diversas regiões, convém lembrar que se singularizava pelas condições de acústica, deixando ouvir-se de muito longe o que dentro dela se falava, o que permitia ao tirano Denys surpreender a conversa dos prisioneiros.

Daí ser ela chamada «Orelha de Dionísio».) Lord Balfour continua:

*Chego enfim ao âmago do mistério que por tão longo havia zombado do nosso esforço. O mais célebre dos ditirambos de Filóxenes era um poemeto intitulado "O Ciclope e Galateia", do qual apenas alguns versos conseguiram chegar até nós; espécie de pastoral em que o poeta ridicularizava os amores do Ciclope com Galateia. Escrevera-o para se vingar de Dionísio a quem a alusão era flagrante e tanto mais evidente quanto o tirano era cego de uma das vistas e os ciclopes se caracterizavam pela posse de um só dos órgãos visuais.*

*Era necessário, porém, decifrar o resto, no que fomos decisivamente auxiliados por um trecho existente numa das obras de erudição clássica, que fazia parte da biblioteca que pertencera ao Prof. Verrall e referente ao poeta Filóxenes. Ei-lo:*

*"Sua amizade com Dionísio, o Antigo, foi de vez rompida não só pela crítica ferina que fazia às tragédias compostas pelo tirano, como também pelo amor que lhe inspirara Galateia, linda tocadora de flauta e favorita de Dionísio. Certo dia, porém, Filóxenes foi posto em liberdade e trazido à presença do tirano para dar-lhe opinião sobre alguns versos que este havia feito. Ouvindo a leitura, o poeta exclamou: — "Levem-me de novo para a prisão!"*

*E durante o encarceramento vingou-se, escrevendo o famoso ditirambo "O Ciclope e Galateia", no qual para se vingar de Polífemo (no caso Dionísio) lhe arrebatara a ninfa Galateia de quem estava o Ciclope enamorado".*

Eis conseguida, enfim, a unidade literária que há tanto se procurava e que consistia em combinar as diversas partes do enigma clássico imaginado e transmitido aos vivos pelos Espíritos dos professores Verrall e Butcher. Os temas que cinstituíam o enigma se encontravam inteiros no ditirambo citado: Dionísio e a Orelha de Dionísio, isto é, a caverna-prisão de Siracusa; Ulisses e Polífemo (o ciclope); Acis e Galateia (a amante); Ciúme (que Filóxenes havia provocado no tirano, arrebatando--lhe a amante) e a Sátira (que havia escrito na prisão para se vingar de Dionísio). Cada um desses temas encontra lugar apropriado no pequeno poema de Filóxenes, inclusive o da música, indispensável na recitação dos ditirambos.



Restava encontrar o trecho de Aristóteles que com o resto se pudesse combinar. Ora, em «Poética» de Aristóteles dois trechos se adaptam igualmente ao caso; num tratava ele da poesia ditirâmbica em geral, noutra citava especialmente «O Ciclope e Galateia» como exemplo da poesia satírica. Por esse resumo de caso tão interessante de «correspondência cruzada» que no Além imaginaram dois eminentes psiquistas mortos, não será difícil compreender este modo de, por fatos, provar a sobrevivência da própria memória, suplantando a objeção da telepatia entre os vivos, esse temeroso baluarte dos antiespíritas. Para atingir tal fim, nada foi esquecido. Daí os meandros tortuosos dos períodos incompreensíveis em que os Espíritos comunicantes velaram o pensamento, a fim de dissipar qualquer dúvida sobre a possibilidade de interferências telepáticas entre vivos, na experiência imaginada.

No menos digna de nota é a circunstância de as personalidades comunicantes seguirem com vivo interesse, quase com ansiedade, a marcha das investigações e do resultado das mesmas relativas ao enigma transmitido. Por isso, de quando em vez eles faziam perguntas e recomendações como as que se seguem:

*«A sátira a que fizemos alusão já foi identificada?» «Continuai a seguir o fio condutor. Não vos recomendamos, porventura, de prestarem toda a tenção à palavra caverna?»*

*«O incidente a que aludimos me parece bastante claro; penso deveríeis tê-lo já identificado»*

*«Tentai ainda... Gurney manda dizer-vos que, quando tiverdes identificado esta última alusão clássica, ele quer imediatamente ser informado.» E assim por diante, até que Lord Balfour lhe diz um dia: «Meu caro Gurney, apresso-me em comunicar--vos que todas as vossas alusões clássicas, transmitidas à Sra. Verrall, foram identificadas»; o Espírito de Gurney se rejubila e exclama: «Ah! muito bem, até que enfim!»*

Tudo isto vem trazer ao conjunto, tão complexo de fatos, cunho natural e de verdade, de modo a completar, em cada detalhe secundário, a admirável prova de identificação espírita oferecida por forma tão nova, tão engenhosa, tão cheia de dificuldades e tão irrefutável.

Lord Balfour analisa minuciosamente as hipóteses que poderiam ser imaginadas para explicar, sob um prisma natural, o caso exposto e, depois

de haver demonstrado a insuficiência de qualquer delas, nestes termos conclui:

*Admitidas essas conclusões, a alternativa única seria a de reconhecer-se que as mensagens obtidas provêm, de fato, de uma ou de diversas Inteligências desencarnadas. Naturalmente, mesmo assim, não provaria isto que as comunicações recebidas provêm de Espíritos desencarnados, que nós conhecemos, quando vivos, sob os nomes dos professores Verrall e Butcher. Entretanto, parece curial que todo aquele que houvesse chegado à conclusão de que as mensagens medianímicas emanam de Inteligências desencarnadas não deveria criar dificuldade especial para admitir que as personalidades comunicantes sejam realmente os Espíritos dos mortos que insistentemente afirmam estar presentes.*

*Seria engasgar-se com um mosquito, depois de haver engolido um camelo.*

Não podemos deixar de consignar aqui a nossa admiração pelo professor Lord Balfour, que com tão sincera lealdade expôs as conclusões a que chegou pelo exame desse notável incidente medianímico e de não haver hesitado em fazê-lo, não obstante a responsabilidade da função que ocupava na Sociedade, cujas atas inseriram a sua exposição.

Aliás, todos que se não contentam com puras expressões vazias de sentido, tomando-as por demonstrações científicas, todos que compreendem o valor de uma análise detalhada e profunda de todas as fases de um fenômeno, como o de que nos estamos ocupando e sobre o qual não se poderá fazer um juízo claro por um simples resumo, deverão inevitavelmente chegar a conclusões análogas à que formulou Lord Balfour, senão de modo acentuada-mente mais explícito.

Devemos agora perguntar que mais se poderia exigir das personalidades dos mortos comunicantes como demonstração evidente e testemunho indiscutível da sua existência espiritual, independente do médium.

Desde o início das investigações metapsíquicas, as personalidades dos mortos sempre se prestaram a fornecer todas as provas de identificação pessoal, diretas e indiretas, que os homens, dentro dos limites razoáveis, imaginaram e exigiram. Mas agora surgem sistemas outros, muito novos, de provas inesperadas e da maior eficácia, que não foram pedidas pelos vivos, senão oferecidas pelos mortos que, por se terem, em vida, interessado pelas investigações metapsíquicas e conhecendo bem as hipóteses, mor das vezes gratuitas, mas sempre neutralizantes, que os

cépticos costumam opor à teoria espírita, se esforçam por suplantá-las, imaginando novos sistemas de provas, cada qual mais engenhoso e de que o caso acima mais não constitui que um exemplo entre mil. Em verdade, não sei que mais se possa pedir às personalidades dos mortos, como prova real da sua presença espiritual; mas os novos métodos que estão sendo usados, pelos experimentadores colocados «na outra ponta do fio», se aperfeiçoarão ainda, multiplicar-se-ão sem cessar, até quando as provas cumulativas se tornem esmagadoras e obriguem à certeza científica da existência e da sobrevivência da alma.

---

Metapsíquica Humana, ed.: FEB, Rio de Janeiro.